

FICHA TÉCNICA

Director — MANUEL AMORIM
Coordenador — MANUEL LOPES
Propriedade — CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM
Composição e Impressão — TIPOGRAFIA CAMÕES
Tiragem — 1000 EXEMPLARES
Dep. Legal N° 35703/90
ISSN - 0870-4589
Edição — Dezembro 1993
Redacção/Distribuição — BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ROCHA PEIXOTO" DA PÓVOA DE VARZIM
4490 PÓVOA DE VARZIM

PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL

DIRECTOR
MANUEL AMORIM

Os artigos são da responsabilidade dos respectivos autores.

Toda a colaboração é solicitada.

O Boletim Cultural "Póvoa de Varzim" aceita permuta e/ou colaboração com outras publicações nacionais ou estrangeiras.

CAPA. O Brasão da Póvoa de Varzim tal como está na chamada «bandeira do povo». Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim.

VOL. XXX

1993

N.ºs 1/2

EDIÇÃO
DA
CÂMARA MUNICIPAL

EVOCAÇÃO DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM NO PRIMEIRO CENTENÁRIO DA SUA MORTE¹

por M. GOMES DA TORRE

A Póvoa de Varzim tem ligados a si alguns nomes que, no domínio das Letras, se alcandoraram aos mais elevados planos da fama. Mas são poucos, infelizmente. Por essa razão, seria natural esperar-se que os poveiros possuíssem alguns conhecimentos, porquanto sumários, acerca de tais nomes, mas não será calunioso afirmar-se que não é isso que acontece.

Se perguntássemos ao cidadão poveiro comum quem foi Francisco Gomes de Amorim, muito provavelmente, não receberíamos qualquer resposta ou, a havê-la, ela seria imprecisa. Suponho poder acrescentar, sem grandes riscos de insultar os nossos concidadãos, que não precisaríamos de abordar um poveiro analfabeto ou de escolaridade rudimentar para que tal acontecesse; também o cidadão medianamente informado carece, estou convencido, de dados essenciais sobre o homem que, nascido em Aver-o-Mar a 13 de Agosto de 1827, morreu em Lisboa no dia 4 de Novembro de 1891.

O desconhecimento em relação a Gomes de Amorim² — que se deve compreender mais do que aceitar — é, em termos poveiros,

¹ Este artigo é uma forma mais desenvolvida da palestra proferida no Salão Nobre dos Paços do Concelho, no dia 3 de Novembro de 1991.

² Na conferência que proferiu na Póvoa de Varzim, em 13 de Agosto de 1927, para comemoração do 1.º centenário do nascimento do Poeta, o Prof. Hernâni Cidade já constatava idêntico desconhecimento, “visto tratar-se dum escritor com quem hoje só tem rápida convivência intelectual os especialistas da história literária”. (CIDADE, Hernâni, “Gomes de Amorim: a sua vida e a sua obra”, in *Conferências*, Porto, Companhia Portuguesa Editora, L.da, s. d., p. 97.

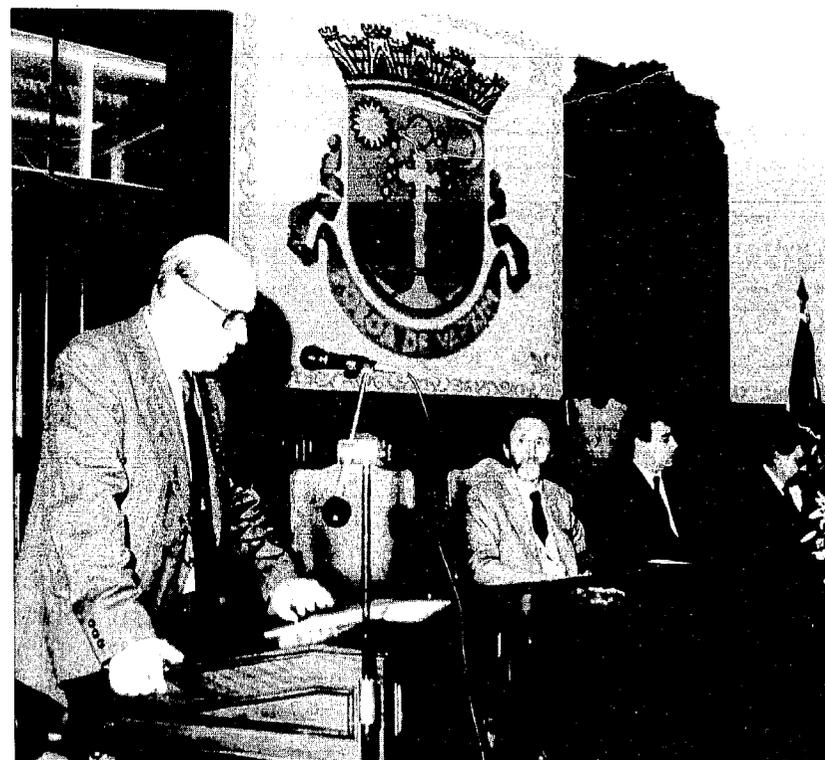
manifestamente injusto, pois o poeta poveiro atingiu merecida notoriedade nos meios literários da segunda metade do século passado, tanto pelo mérito relativo da sua própria obra como em virtude do seu convívio e do seu relacionamento com as figuras que, nesse tempo, mais e melhor representavam a intelectualidade portuguesa. Poder-se-á acrescentar que a sua espantosa biografia seria, só por si, razão suficiente para justificar um melhor conhecimento acerca dele. Por tudo isto, deveriam os poveiros com responsabilidades na promoção e defesa das questões culturais na nossa terra — e não só os de agora; os do passado também — ter promovido iniciativas tendentes à sensibilização das nossas gentes para um melhor conhecimento dos seus antepassados ilustres.

Um centenário é um bom pretexto para isso. Aproveite-se pois a passagem do 1.º centenário da morte de Francisco Gomes de Amorim, não só para o recordar da maneira mais ou menos fugidia, à laia de dever social a cujo cumprimento não se pode escapar, mas de forma mais profunda, criando as condições mínimas para que a sua obra chegue às mãos de mais poveiros e para que estes se apercebam da forma como o escritor encarou as coisas do seu tempo, como se envolveu, activamente, nas questões políticas, como soube criticar e louvar, como amou a liberdade e defendeu os direitos humanos, como apreciou a natureza e, muito especialmente, como manteve sempre uma forte ligação sentimental à terra que o viu nascer³.

Em 1858, na introdução aos seus *Cantos Matutinos*, Gomes de Amorim escrevia:

“Nasci sem nenhuma circunstancia que possa dar relevo a uma biographia, e declaro que me criei como toda a gente, sem nenhum acontecimento notavel que, distinguindo os meus primeiros annos, me levasse mais tarde ao livro das *infancias celebres*. Eu não tinha agudezas, não era engraçado, e não aprendia coisa alguma. Os meus talentos limitavam-se a escolher cada dia um meio diferente, que me livrasse de ir à escola...”⁴.

³ Cheguei a recar que a Póvoa deixasse passar esquecida esta data. Com tempo, em 20 de Julho de 1989, lancei um primeiro alerta através de *O Comércio da Póvoa de Varzim*. Felizmente, e para honra da nossa terra, o infatigável Sr. Manuel Ferreira Lopes meteu os pés ao caminho e, em consequência, algumas iniciativas foram já levadas a cabo.



De facto, nada faria prever que o rapazinho de Aver-o-Mar viesse algum dia a ultrapassar as barreiras tradicionais da simples vida da sua aldeia pacata e laboriosa. Se ele próprio reconhecia, porquanto retroactivamente e com alguma falsa modéstia, as suas limitações, a categoria social de que provinha familiarmente — mesmo assim talvez acima da média da Aver-o-Mar da época — apontava para um futuro modesto, provavelmente para uma integração nas actividades de *scareiro* — assim se designa em Aver-o-Mar a ocupação mista na pesca e na lavoura — ou de lavoura que mobilizavam a quase totalidade das gentes da pequena aldeia de então.

⁴ AMORIM, Francisco Gomes de, *Cantos Matutinos*, Lisboa, Typographia Progresso, 1858, pp. II-III.

“O pae de Gomes d’Amorim chamava-se José Gomes d’Amorim, e era capitão de marinha mercante. A mãe chamava-se Marianna Joaquina Bento. Era uma família modesta, bem morigerada e bem quista entre os seus conterraneos”⁵.

O facto de os pais o terem mandado aprender a ler, entregue aos cuidados do mestre-escola Manuel Corval, não era factor bastante para contrariar essa previsão modesta. Até porque, depois de ter sido obrigado a andar na escola dos cinco aos quase dez anos, os resultados foram tão maus que nem sequer aprendeu a assinar o nome. Por isso a mãe tirou-o de lá e mandou-o trabalhar para casa de um parente lavrador que se tinha prontificado a fazer dele gente⁶ e a corrigir a exagerada traquinice do garoto. A experiência, todavia, durou pouco e os resultados projectados foram nulos.

A tentativa seguinte teve como protagonista de boa vontade um cordoeiro da Póvoa que o acolheu em sua casa com a promessa de que o mandaria aprender a ler. Mas o resultado foi semelhante ao da primeira experiência. Pouco depois, com menos de dez anos, foi atraído pelos vendedores de ilusões — os engajadores sem escrúpulos que aliciavam os jovens da época com as promessas da árvore das patacas — e embarcou com o irmão Manuel, dois anos mais velho que ele, para o Brasil, onde, “depois de uma viagem a que não faltaram a fome, a sede, as calmas e as tormentas”⁷, em Belém do Pará, haveria de ser negociado num mercado de escravos brancos e levado por um comerciante que o empregou como caixeiro e de quem Gomes de Amorim havia de ficar, apesar da prodigalidade das palmatoadas com que o patrão o servia⁸, com gratas recordações.

Finalmente, aos doze anos, começou a envergonhar-se por não saber ler e dedicou-se ao estudo com tal afincio que, passados poucos meses, tinha já aprendido. Como nos conta⁹, o primeiro livro que leu

foi a *História de Carlos Magno e Os Lusíadas* o segundo¹⁰. Foi tão grande a paixão que o poema de Camões nele despertou que se entretinha com o irmão a recitar longos excertos, acabando ambos por aprendê-lo de cor, de fio a pavio. Ele explicou-nos como isso aconteceu:

“Poderá causar admiração e pôr-se em dúvida a extraordinária facilidade em que as nossas memórias absorviam tudo quanto liamos; o facto, porém, explica-se perfeitamente: não as tínhamos estragado a decorar, nas aulas de primeiras letras. E o poema de Camões é o consolador de todos os portugueses expatriados, como nós eramos então.

Só quem tem vivido fóra do paiz, longe de todos os que amou na infância, com o pensamento nas carícias da mãe ausente e com os olhos no mar, que conduz ao ninho amado, póde comprehender as saudades que desperta nas almas a obra d’aquelle grande genio. Escreveu-a elle no desterro”¹¹.

Apesar de tudo isto, não foram *Os Lusíadas* — que o haveriam de acompanhar desde as primeiras letras até quase às vésperas da sua morte — que determinaram a atracção de Gomes de Amorim para o mundo das letras como personagem activa. Esse papel foi desempenhado por um livro que ele um dia encontrou na “*villa de Alemquer*, situada em um braço do mesmo rio [Amazonas], entre os dois grandes lagos — Curumú, e Surubiú”¹², na casa de uma família indígena, dentro de um cesto forrado com folhas de bananeira brava. Esse livro, que mudaria a sua vida de uma forma radical, foi o *Camões* de Almeida Garrett. A esse propósito conta-nos Gomes de Amorim:

“Aquelle poema transformou-me repentinamente e sem eu saber como; principiei a ver debaixo de outro aspecto

¹⁰ Não é totalmente coincidente a informação que Gomes de Amorim nos fornece, cerca de 40 anos mais tarde, logo no início da introdução à sua edição em dois volumes do poema de Camões. Aí pode ler-se: “Eu nunca tinha lido senão dois livros, quando meu irmão me emprestou, na cidade do Pará, onde ambos estávamos, os *Lusíadas*, de Camões” (Francisco Gomes de Amorim, *Os Lusíadas de Luiz de Camões*, Lisboa, imprensa Nacional, 1889, p. 1). Se nos basearmos nesta informação, *Os Lusíadas* terá sido o terceiro livro, cronologicamente, que ele leu. Entre este e a *História de Carlos Magno* terá havido outro que não conhecemos.

¹¹ Op. cit., p. 2.

¹² *Cantos Matutinos*, p. XIV.

⁵ CORDEIRO, Antonio Xavier Rodrigues, “Francisco Gomes d’Amorim”, in *Novo Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro para o Anno de 1893*, Lisboa, Livraria de Antonio Maria Pereira, p. 5.

⁶ Cf. *Cantos Matutinos*, p. IV.

⁷ Op. cit., pp. VI-VII.

⁸ Cf. op. cit., p. VIII.

⁹ Em op. cit., p. XI.

os rios, os lagos, as florestas, e as montanhas. Pareceu-me que as flores derramavam maior perfume, e se vestiam de mais vivas côres; que o ceo e os astros brilhavam pela primeira vez aos meus olhos, e que toda a natureza tomava formas novas e sublimes. Julguei entender o canto das aves, o murmúrio das águas, e o gemer da brisa entre as açucenas bravas e as mimosas gigantes¹³.

Em resultado dessa revolução espiritual, Gomes de Amorim começou ele próprio a escrever poesia e, com quinze anos apenas, escrevia já alguns dos seus poemas mais conhecidos. Entre eles conta-se *O Desterrado*, escrito em 1842 na foz do Rio Negro, cujo tema é a saudade de Portugal, bem expressa neste extracto:

“Oh! não; não é bello o sitio
Do meu desterro infeliz
Onde tudo — a toda a hora —
Que sou proscrito me diz
Não; não há terras formosas senão as do meu paiz!”¹⁴

Esta saudade da terra e, muito especialmente, a saudade da mãe não o impedem de apreciar e começar a amar as terras do Novo Mundo, particularmente a Amazónia, que ha-de servir de cenário a algumas das suas obras, designadamente ao romance *Os Selvagens* e aos dramas *Odio de Raça* e *O Cedro Vermelho*. É no prefácio deste último que Gomes de Amorim nos confessa isso mesmo:

“O auctor d’este drama saía apenas da infancia quando o destino o levou ás praias que banha o Amazonas. Por lá viveu nove annos, ora embalado pelas ondas do gigante dos rios e dos seus lagos e tributarios, ora attrahido e encantado pela grande voz das florestas. De volta á pátria, não perdeu a memoria do formoso paiz onde passára a idade juvenil: a distancia, que diminue as proporções das cousas, foi impotente com elle, porque o seu pensamento lhe traz sempre presentes, revestindo-as

¹³ Op. cit., p. 15.

¹⁴ Op. cit., p. 30.

de fórmas ainda mais grandiosas, todas as bellezas que viu alem do Oceano.”¹⁵

No Brasil permaneceu nove anos, até 1846, levando uma vida repleta de aventuras e exóticas experiências, recolhendo na sua prodigiosa memória um riquíssimo acervo de ideias e linguagens que, após o seu regresso a Portugal, vai vazar numa obra surpreendentemente fecunda. De facto o convívio com as realidades amazónicas, não só com as suas gentes mas também com a flora e a fauna, deixou marcas tão vincadas na memória e na saudade do poeta que, muitos anos mais tarde, ainda algumas das suas obras se caracterizam por passagens de um acentuado sabor exótico. Um bom exemplo disso é a fala do índio juruna Lourenço, a abrir a cena XIII do acto primeiro de *O Cedro Vermelho*:

“A folha da jatuaíba tem caído seis vezes no lago, e descido com as correntes para o grande rio depois que eu deixei de ver as cachoeiras do Xingú e a taba juruna. Os fructos do tucuman e do inajáseiro amadurecem e cáem; rebentam os novos cachos, que tornam a despir-se, e o guerreiro, que por vã curiosidade deixou o paiz onde nasceu, fica sempre á beira do lago dos tapuios! O sol e a lua vogam silenciosos na sua canôa de nuvens e de anil, procurando através dos arvoredos amazonicos as terras ferteis, onde as antas cortam com os pés as barreiras dos rios..., e o Cedro Vermelho não vae como elles ver o Bracete de Ferro e o Peito da Tiépiranga! Meu pae!... minha mãe!... O branco é um chefe, que tem coração... e Voz de Caraxoé salvou o teu filho da doença... Oh! Peito de Tiépiranga, filha dos mundurucús se tu visses Voz de Caraxoé quererias servi-la como escrava! Os seus olhos eram mais brilhantes que azas do guainambi que os brancos chamam beija flor, e puxavam para si todos que a viam; as suas mãos, finas e lustrosas como as folhas do guaramá, eram mais brancas do que as penas da uratinga, e perfumadas como a flor da jatatopifa! A sua voz, doce como os favos de mel creados no pau de arco, parecia o canto suave do

¹⁵ Francisco Gomes de Amorim, *O Cedro Vermelho*, Lisboa, Imprensa Nacional, vol. I, p. 9.

caraxoé da varzea, e nos seus dias tristes assemelhava-se ao suspirar da rola quando lhe roubam o companheiro!... O Cedro Vermelho, escutava-se sem respirar, esquecido da sua tribo e dos seus inimigos, porque as suas palavras matavam todo o odio e toda a colera e faziam vir as lagrimas aos olhos do guerreiro!... Oh! mal haja o vento ardente das planuras do Curumú, que lhe faz murchar no rosto as rosas mogorins! Como a arvore da cupahiba, quando lhe tiram todo o oleo, inclina sobre o tronco os ramos desfallecidos e as folhas sem vida, assim Voz de Caraxoé adormeceu, para nunca mais acordar, á borda d'este lago funesto! O juruna quer fugir d'aqui, mas não póde!... A Rosa de Surubiú é filha d'aquella que o arrancou das prisões da morte!"¹⁶

Muito provavelmente, esta linguagem deve ter oferecido dificuldades de compreensão aos espectadores que viram a peça representada no Teatro de D. Maria II, suponho que em 1856, bem como aos leitores da obra impressa (1874). E deve ter sido por isso que Gomes de Amorim elaborou um segundo volume de "notas e esclarecimentos", também ele um extraordinário repositório de dados sobre a Amazónia e as aventuras lá vividas e pitorescamente recordadas pelo autor. No convite que nos faz para a leitura, promete-nos que "viaremos por mundos pouco conhecidos, através de rios enormes, de lagos formosissimos e de florestas prodigiosas"¹⁷. A promessa é cumprida em pleno: de facto a viagem é fascinante, e, para o leitor de finais do século vinte, quando as florestas tropicais estão a ser delapidadas ao ritmo que se conhece, comparando a luxuriante riqueza natural descrita por Gomes de Amorim com os dados desastrosos que os meios de comunicação todos os dias nos fornecem, é arrepiante a constatação da perda que o mundo moderno está a provocar. E, surpreendentemente, Gomes de Amorim já previa o que agora está a acontecer, ao pôr nas palavras do tapuio Braz uma denúncia plena de actualidade:

"... Ali acaba o dominio dos brancos; d'aquelle mato para dentro não ha rei nem lei; é homem contra homem e astucia contra astucia! Começa á beira d'este bosque o paiz da minha independencia! Com que direito entram

¹⁶ O *Cedro Vermelho*, vol. I, pp. 54-6.

¹⁷ O *Cedro Vermelho*, vol. II, p. 5.

n'elle os que nasceram nas cidades? Quem os chama? Quem lhes pede a sua civilização, os seus costumes, os seus inventos e o seu governo tyrannico? Querem instruir-nos e só nos ensinam a conhecer quanto somos infelizes! Civilisam-nos... costumando-nos á aguardente, para nos dominarem! [...] Um dia colherão o fructo do seu trabalho! Ha pouco lhes mostrámos que os tapuios aprendem facilmente a manejar as armas de fogo e que depois de domesticados não são inimigos do regalo em que vivem os seus senhores! Perseguem-nos com os seus padres e com os seus vicios; compadecem-se da nossa rudeza e selvageria, e convertem-nos em escravos do seu trabalho! Devastam os nossos arvoredos para avançarem com as suas povoações; que só nos trazem o conhecimento da nossa miseria e inferioridade!... Por toda a parte se ouvem já os golpes malditos do machado destruidor, e o estalar do incendio que devora as arvores derrubadas! [...] É a civilização, roubando aos habitantes das selvas a espessura onde escondiam a sua nudez e os fructos de que se alimentavam, e substituindo-lhes a existencia livre pelo servilismo degradante!"¹⁸

Exemplo perfeito de auto-didacta, o rapazinho analfabeto que deixara Aver-o-Mar, por 1837, transforma-se, nesse curto tempo de nove anos, num exímio utilizador da língua portuguesa, num inspirado autor de poesia, romances e peças teatrais, num estudioso e crítico da literatura, numa personalidade ouvida e respeitada e aceite nos meios intellectuais portugueses e também no estrangeiro¹⁹. Em 1851 já tinha visto uma peça sua, *Ghigi*, representada no Teatro de D. Maria, ao que se sucedeu uma impressionante produção de outras obras, particularmente a partir da publicação dos já referidos *Cantos Matutinos*, o seu primeiro volume de poemas.

Entre 1852 e 1889, Gomes de Amorim publicou, entre outras obras de menor significado, sucessivamente: *Ghigi*, *Cantos Matutinos*, *Fígados de Tigre*, *Ódio de Raça*, *Aleijões Sociais*, *A Proibição*, *O Casamento e a*

¹⁸ O *Cedro Vermelho*, vol. I, pp. 152-2.

¹⁹ Gomes de Amorim foi sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, sócio correspondente da Real Academia de História de Madrid, e sócio do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil. Foi membro do Instituto de Coimbra, da Academia Real das Ciências da Bélgica e da Academia Espanhola, pelo menos.

Mortalha no Ceo se Talha, A Abnegação, A Viuva, O Cedro Vermelho, Os Selvagens, O Remorso Vivo, Fructos de Vario Sabor, Muita Parra e Pouca Uva, O Amor da Pátria, À Glorificação de Calderon de le Barca, As Duas Fiandeiras. Publicou também uma volumosa edição crítica de *Os Lusíadas*, vários folhetos de poesia e muita colaboração em publicações periódicas.

No entanto, a mais conhecida e apreciada das suas obras haveria de ser *Garrett, Memórias Biographicas*, com que conquistou o prémio D. Fernando, atribuído pela Academia das Ciências ao melhor trabalho sobre a vida e obras de Garrett, alcançando justa fama devido ao rigor e abundância de informações que Gomes de Amorim nela deixou depositadas, beneficiando para tal do estreito e privilegiado convívio com o criador do *Frei Luís de Sousa*. Em meu entender, as *Memórias Biographicas*, ao atraírem com justiça a atenção do público, relegaram para um plano secundário a restante obra do escritor averomarense. E há nisto uma certa ironia da sorte: depois de tanta criatividade, de tanta cultura gostosa mas também custosamente assimilada, de tanta paixão posta na publicação dos seus próprios escritos, foi aquilo que escreveu sobre um amigo e mestre, a quem se manteve exemplarmente fiel, que o haveria de tornar famoso. Não a sua própria obra, mas aquilo que nos deixou sobre a vida e a obra de Garrett. É minha convicção que, se não tivesse elaborado as *Memórias Biographicas*, Gomes de Amorim ter-se-ia tornado mais conhecido por mérito da sua própria produção literária.

Para além dos temas inspiradores já referidos — a saudade e a Amazónia — também o patriotismo, a justiça social, a história e a política lhe forneceram assuntos. E, naturalmente, a terra onde nasceu. O exemplo mais notório de utilização deste último tema é o romance de costumes populares *As Duas Fiandeiras*, uma recordação e uma homenagem a “Avelomar”²⁰, patente logo nas primeiras linhas da obra:

“Ha na formosa provincia do Minho uma freguezia rural denominada S. Tiago de Amorim, que se compõe de numerosas aldeias. Entre todas estas, avulta Avelomar, como a maior e mais bella pela sua posição. Está situada em planicie ampla, cortada por muitos riosinhos, semeada de fontes e arvoredos, que dão aos seus campos, sempre verdes e floridos, o aspecto de jardim vistosissimo.

²⁰ É esta a grafia que Gomes de Amorim utiliza sempre que escreve o nome da sua terra.

Nada ha mais pittoresco e alegre do que essa povoação. De todos os lados se avista a fita azulada das aguas do oceano, orlando a terra, desde o sudoeste até ao norte; da parte de leste, os montes de S. Felix e de Barroso^(*); os pinheirae de Torroso e Laundos; e, ao sul, recortando-se no céu, os campanarios das egrejas da Povoia de Varzim.”

Para quem, como o autor, nasceu e cresceu a ouvir o som do mar e foi bafejado por esse vento norte livre, sem obstáculos naturais, que sopra dos lados de Esposende, tem um sabor muito especial a leitura de *As Duas Fiandeiras*. Seguir os passos das personagens, lembrar as tradições e o estilo simples de vida, imaginar os lugares de então — agora invadidos por uma construção sem critério e uma vergonhosa falta de limpeza —, recuar no tempo e encontrar as personagens que não são muito diferentes daquelas que conhecemos na nossa meninice, é uma experiência inefável, uma paz para o espírito, uma impagável viagem de saudade.

Neste romance Gomes de Amorim trata da Aver-o-Mar da lavoura: das desfolhadas, dos cantares enquanto se sega a erva, da romaria a Balazar. Os nomes das personagens são ainda comuns: o Domingos Rosmaninho, o Joaquim Bento, o Manuel do Lameiro, a tia Benta, o Manuel Flores, o Mathias Cencadas, o José da Torre, os Serôdes, etc. Desenrolando-se o romance no ano de 1846, um homem atento às coisas do seu tempo e do seu país, como Gomes de Amorim sempre demonstrou ser, não poderia deixar de integrar uma componente política. No caso, essa componente é representada pela agitação minhota conhecida por Revolução da Maria da Fonte, e algumas personagens de *As Duas Fiandeiras* envolvem-se apaixonadamente nas movimentações do partido popular, sendo mesmo um averomarense a servir de parlamentar no episódio da ocupação do Forte da Guia de Vila do Conde. A este propósito o autor diz-nos que

“Todos os sucessos que deixámos descritos [...], [são] rigorosamente históricos, e presenciados por quem os escreve agora, que n’elles e n’outros semelhantes tomou sua humilde parte.”²¹

²¹ *As Duas Fiandeiras*: 222.

(*) N. D. — Como já foi observado o autor deve-se referir a Torroso.

Acrescenta Gomes de Amorim que regressou a Aver-o-Mar

“rouco de dar vivas e cantar hymnos, e ja arrependido de ter posto [...] o seu entusiasmo de dezanove annos incompletos ao serviço de exploradores encartados.”²²

Escrevi há pouco que *As Duas Fiandeiras* abordam a Aver-o-Mar “de cima”, a metade da aldeia cujos habitantes se dedicavam quase exclusivamente à lavoura. A “parte de baixo”, aquela que se estendia ao longo da praia, ainda há poucos anos caracterizada por ninhos de casas pequeninas e pobres e considerável número de moinhos de vento, albergava os pescadores e aqueles que tinham uma actividade mista na pesca e na lavoura. Foi a pensar nessa outra realidade que Gomes de Amorim escreveu *As Roseiras do Amor*, uma novelazinha muito ao gosto romântico sobre os amores infelizes dos filhos de duas famílias de pescadores da Aldeia Nova, o lugar da freguesia que encosta a norte à foz do rio de Esteiro. Aí encontramos um autor extremamente bem informado sobre a linguagem dos pescadores, sobre os instrumentos da pesca e da navegação, sobre os acidentes da costa. E, como não poderia deixar de acontecer, lá surge Santo André e a sua capelinha a servir de pretexto e cenário para uma parte importante do enredo.

O poeta não esquecera a sua terra, escolhendo-a para cenário de algumas das suas produções. Como, aliás, não esquecera o Norte, em termos mais gerais. Por exemplo, uma parte importante da acção de *O Amor da Pátria*, um romance cujo tema é a Guerra Peninsular, passa-se no Norte, a bordo da corveta da marinha portuguesa *Calipso*, e são de Vila do Conde e do Porto duas das personagens mais importantes. Alguns dos episódios mais significativos do romance passam-se em Vila do Conde, em Mindelo e na Póvoa.

Não é agora a altura, nem é esse o meu propósito, de fazer uma análise detalhada dos reflexos da naturalidade de Gomes de Amorim na sua vasta obra. O que disse teve como único propósito justificar a necessidade de o centenário recentemente ocorrido ser comemorado condignamente. Gomes de Amorim foi poveiro até ao fim da sua vida. É a sua obra que o testemunha. A evocação que dele fiz talvez tenha

²² Idem.

despertado em alguns dos meus leitores a curiosidade de o ler. Se isso acontecer, valeu a pena. A proposta de programa de comemorações dirigida pelo Sr. Manuel Lopes à Câmara Municipal incluiu a sugestão de se re-editarem algumas das obras de Gomes de Amorim. Se isso se vier a concretizar, o nosso poeta será homenageado da melhor maneira, pois só assim poderão os seus conterrâneos e os estudiosos da literatura portuguesa, com maior facilidade, acesso a textos há muito esgotados. Impõe-se uma reavaliação da obra de Francisco Gomes de Amorim para que ele goze do lugar a que tem direito na nossa história literária. Os estudos até agora vindos a lume são poucos e predominantemente de carácter biográfico. Estão neste caso os de Baptista de Lima²³, de Cruz Malpique (de 1967) e o artigo de Jacinto Prado Coelho incluído no *Dicionário de Literatura*. Um bocado mais profunda é a conferência já referida que Hernâni Cidade proferiu na Póvoa em 13 de Agosto de 1927, na ocasião da celebração do centenário do nascimento do poeta. Apesar de contribuições úteis, representam muito pouco comparadas com o muito que pode ser estudado na vasta obra de Gomes de Amorim. Ele merece muito mais, e estou certo de que o programa anunciado para lembrá-lo no 1.º centenário do seu falecimento vai contribuir decididamente para o seu melhor conhecimento. Será também uma maneira de mais poveiros o recordarem e de saberem melhor quem ele foi. Já sabemos que ele nunca se esqueceu da sua terra; os seus conterrâneos também não podem esquecê-lo.

²³ Baptista de Lima, *Gomes de Amorim: vida e obra do ilustre biografo de Garrett*, Póvoa de Varzim, Livraria Camões, 1927.